

É serviço que terá de fazer-se noutra oportunidade.

O Castro de Carvalhelhos pelo avanço feito este ano no desentulhamento dos dois fossos da vertente leste, com funduras de 7 e 8 m, a confirmar as funduras encontradas em campanhas anteriores nos três fossos do lombo ou cumieira, fica a constituir um caso notável, pela insólita e extensa fundura atingida pelos fossos.

Resta-me renovar agradecimentos à Direcção-Geral do Património Cultural pela concessão do subsídio, atrás referido, à Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos pelo encargo que tomou de pagar o serviço da máquina escavadora que, como já disse, importou em vinte e três mil e quatrocentos escudos (23 400\$00), e ao Sr. Eng.º António Barroso de Moura pelo excelente voo de helicóptero que me proporcionou.

Agradecimentos são também devidos ao Sr. José Barroco, Director das Águas de Carvalhelhos pelo interesse manifestado pela realização das escavações e pelo decorrer das mesmas, que visitou e acompanhou de perto em vários dias.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Dezembro de 1977

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Antigo Director do Instituto de
Antropologia «Dr. Mendes Correia»
e Presidente da Sociedade Portu-
guesa de Antropologia e Etnologia

Mais um berrão da zona do castro do Monte de Santa Luzia

(Freixo de Espada-à-Cinta)

O Sr. Elísio Óscar Capelas Avelar, proprietário em Freixo de Espada-à-Cinta, a quem muito se deve pelo seu inteligente interesse na salvaguarda dos muitos berrões aparecidos no Monte de Santa Luzia, escreveu-me em 20 de Março de 1978,

comunicando-me ter encontrado num cabeço a sul, e a uns 150 a 200 m, do castro do Monte de Santa Luzia, uma pedra que lhe parecia ser, talvez, uma porção dum grande berrão, porco ou touro.

O Monte de Santa Luzia é um castro que dista cerca de 2 km a norte de Freixo, e o cabeço onde encontrara a pedra fica a sudeste daquele monte, e sobranceiro ao chamado Val do Prado.

Lá fui no dia 23 de Março. O Sr. Elísio Capelas Avelar levou-me a ver a pedra que ele encontrara num monte de pedregulhos, e que revolcou para uma parede, onde a fomos ver, medir e fotografar (Figs. 1 e 2).

Tivemos de atravessar, numa extensão de uns 70 a 80 m, uma plantação de vinha nova onde, como veremos, apareceu mais um berrão, o 22.º do Monte de Santa Luzia.

A pedra de suposto resto de berrão

Naquela pedra, de granito de grão médio, podemos considerar duas partes bem distintas, a base e a parte superior.

A base é grosseiramente paralelepipedica. As duas faces laterais, as maiores, são um tanto enconchadas, uma mais acentuadamente do que a outra (Figs. 1 e 2). A face que podemos considerar anterior foi desgastada à maneira de arco (Fig. 2) o que fez com que a face que assenta na terra tenha 35 cm de comprimento e a face oposta, cimeira, onde cresce a parte superior da pedra, tenha 43 cm de comprimento. A altura da base é 30 cm e a sua largura 24 cm.

A parte superior foi esculpida recuada 4 a 5 cm dos bordos ou arestas cimeiras da base paralelepipedica, e é um saliente em plano inclinado que, no lado mais baixo, tem 10 cm de altura, e o outro topo é alto de 16 cm. O plano inclinado tem 47 cm de comprimento por 19 de largura.

Não vejo naquela pedra nada que faça crer tratar-se de fragmento de berrão, porco, touro, ou qualquer outro animal.

Para mim é pedra de significado enigmático.

O novo berrão

O Sr. Elísio Capelas Avelar comunicou-me que, entre o cabeço sobranceiro ao Val do Prado, onde achara a pedra que acabamos de descrever, e o Monte de Santa Luzia, há uma vinha nova do Sr. António Manuel Monteiro, em cuja plantação, em 1977, aparecera um porquinho de pedra, que o seu achador ofereceu à Câmara Municipal de Freixo.

Fomos à Câmara. Lá estava o berrão, a um canto do átrio, mas tapado por uma rima de umas centenas de telhas, ali arrumadas enquanto decorrem as obras no edifício da Câmara.

Não era possível naquela tarde do dia 23 de Março aliviar o porquinho de pedra das muitas telhas que o tapavam.

Voltei a Freixo no dia 31 de Março.

Ao Sr. Ambrósio Alberto Alves Guerra, presidente da Câmara de Freixo, apresento cumprimentos de agradecimento, não só por ter mandado retirar as telhas que tapavam o porquinho, mas também pelas facilidades e ajudas, gentilmente prestadas, para o observar medir e fotografar. É o 54.º dos berrões do nordeste do nosso país.

No trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, publicado no Fasc. 4.º, Vol. xxii de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1975, págs. 353-515, com 31 desenhos e Figs. 32 a 131, estudamos e publicamos um total de 49 berrões proto-históricos, encontrados em Trás-os-Montes e na Beira Douro confinante.

Depois, em 1977, publiquei *Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes*, no Fasc. 1.º do Vol. xxiii da mesma revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, págs. 5-18, com 8 desenhos e x Est. com 21 fotografuras. Neste trabalho publiquei mais 6 novos berrões de Freixo de Espada-à-Cinta, 5 do Monte de Santa Luzia (Coraceira) e 1 da Quinta de São Tiago, mais duas zoomorfias embutidas na parede de uma casa de Mairos (Chaves). Estas zoomorfias foram consideradas pelo Abade de Baçal como «duas esculturas

representando quadrúpedes no tipo dos porcos». Em dúvida figuram na lista dos 49 berrões do meu trabalho de 1975, mas não são berrões; são interpretados como lobo e raposa. Deduzindo as duas zoomorfias de Mairos aos 49 berrões, ficam 47. Juntando a este número os 6 novos berrões que publiquei em 1977, tínhamos pois 53 berrões no nordeste do nosso país. O novo achado aquando do saibramento da vinha do Sr. António Manuel Monteiro, é, portanto, o 54.º ⁽¹⁾ dos berrões do nordeste; o 23.º do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta e o 22.º do Monte de Santa Luzia.

Na área do Monte de Santa Luzia e terrenos circundantes, havia, até agora, registados 21 berrões.

O novo berrão aparecido em 1977 no saibramento do terreno da vinha do Sr. António Manuel Monteiro, proprietário e morador em Freixo de Espada-à-Cinta, é uma estátua de pedra, rocha que deve ser granito. Observado à lupa nos sítios esmurrados viam-se abundantes grãos de quartzo, mas não vislumbrei feldspato. Num ou noutro ponto pareceu-nos ver pequeninos pontos pretos (biotite?), e aqui ou ali pequeninas palhetas de mica branca (moscovite).

Aquela pedra tem, no lado esquerdo, uma inclusão ovalar de tonalidade acastanhada, medindo 7×3 cm, e no dorso uma mancha circular esverdeada com grânulos arredondados amarelos. Não sei o que sejam tais manchas.

⁽¹⁾ O 55.º berrão proto-histórico foi descoberto pelo Sr. Dr. Agostinho Ferreira em Paredes da Beira, concelho de S. João da Pesqueira. Neste fascículo do vol. 23 da revista da Sociedade de Antropologia se publica o trabalho que sobre o berrão de Paredes da Beira, escreveu o seu descobridor.

Tem 1,34 m de comprimento: 69 cm de altura no aprumo das patas posteriores e 61 cm no das patas anteriores. Está mutilado na ponta do focinho e nas patas.

Perímetros: axilar 1,51 m; a meio da barriga 1,58; nas virilhas 1,68 m. Tem a cauda torcida e lançada sobre o dorso.

Tem legenda indecifrável na metade direita do dorso.

O berrão está muito mutilado, especialmente a todo o comprimento do dorso (Figs. 4 e 6) e também no lado esquerdo e na traseira, de que resultou fractura enconchada (Fig. 3). Outro tanto sucedeu com lasca saltada do lado direito da cabeça (Fig. 5). A mutilação da cabeça não deixou o menor vestígio do focinho. A estaladela que se vê nas Figs. 4 e 6, que à primeira vista pode parecer a boca, é uma falha do granito.

Não se lhe nota nem ânus nem órgãos sexuais; tão pouco se lhe nota na região médio ventral o saliente do forro peniano.

Tem as patas quebradas. As posteriores muito grossas. Perímetro das anteriores 53,5 cm e das posteriores 71 cm.

O lado direito é de superfície lisa, polida, ligeiramente enconchada e suavemente ondulada a todo o comprimento (Fig. 3), o que contrasta com o lado esquerdo de superfície irregular.

No aprumo das patas posteriores, no quadril do lado esquerdo, à borda do lombo, tem três sulcos com 2 a 2,5 cm de comprimento, sensivelmente paralelos e com 6 cm entre os sulcos extremos. Colhe-se a impressão de que o sulco da esquerda, o mais curto, se continuaria para cima para o lombo.

A rotundidade do corpo, se bem que assimétrica por o lascado do dorso ter sido acentuado sobre a esquerda, leva-nos a considerá-lo porco, embora não se lhe note qualquer dos seus atributos sexuais.

Vejamos algumas medidas tiradas naquele berrão.

Comprimento 63 cm; largura bi-escapular, no aprumo das patas anteriores, 25 (?) cm, e bi-ilíaca, no aprumo das patas posteriores, 33 (?) cm; alturas do que resta da parte posterior ou traseira, à esquerda 27 cm, à direita 33 cm. Perímetro axilar 84 cm, inguinal 96 cm.

Condições do achado

Por amável informação da Sr.^a D. Maria Suzel, soubemos que foi o seu marido, Sr. Artur Manuel Monteiro, Agente Técnico Rural, filho do proprietário da vinha, quem assistiu ao

encontrar-se o porco, que foi posto a descoberto pela máquina escavadora ao saibrar o terreno para plantação das videiras, e que com o porco foram encontrados uns ferros, entre eles um espeto e outros que pareciam pregos.

Em 23 de Setembro de 1978 fui a Freixo, para ver as peças que se dizia terem aparecido ao lado do porquinho de pedra.

A Sr.^a D. Maria Suzel, que me recebeu gentilmente, disse-me que as peças de ferro de guardadas estavam perdidas. Logo que as achasse comunicar-me-ia o achado, e que as punha à minha disposição para as estudar. Fez o achado e comunicou-mo.

Voltei a Freixo em 2 de Outubro de 1978. Ali encontrei o marido da Sr.^a D. Maria Suzel, Sr. Artur Manuel Monteiro, que me deu as informações que a seguir sintetizamos.

O saibramento foi feito em fins de Outubro de 1977.

No decorrer dos trabalhos, em dada altura a máquina escavadora topou com uma parede de pedras pequenas que aluiu em parte. No prosseguimento da escavação verificou-se que se tratava de uma casa rectangular, que não mediu, mas que calculou devia ter entre $3,00 \times 2,00$ m a $3,50 \times 2,50$. Tinha porta aberta no lado maior junto do cunhal com a parede menor.

A outra parede maior, fronteira à porta, fazia meia-lua com outra casa redonda, melhor, semicircular ou em meia-lua, que parece também teria porta numa das pontas do arco. Na parede meeira não se viu qualquer abertura que permitisse a passagem de uma à outra das duas casas. Se é que são duas casas e não uma dependência da outra, como seria mais natural que fosse.

Na casa rectangular, que estava em parte lageada de tijoleiras, apareceu o porquinho de pedra, que estava deitado. Na mesma casa apareceram 3 pequenas mós de moinho. Junto do porco apareceram pedaços de vasos de cerâmica de paredes finas, «vermelhos por fora e pretos por dentro».

A terra que se revolveu dentro da casa não era igual à restante que a circundava. Era mais vermelha, o que levou a crer que a casa fosse consolidada com barro.

Na casa redonda, ou em meia-lua, apareceram «4 ferros e um pedacito de madeira».



Fig. 1 — Pedra de granito com base paralelepípedica e em cima um saliente em plano inclinado.
A caneta mede 14,5 cm.

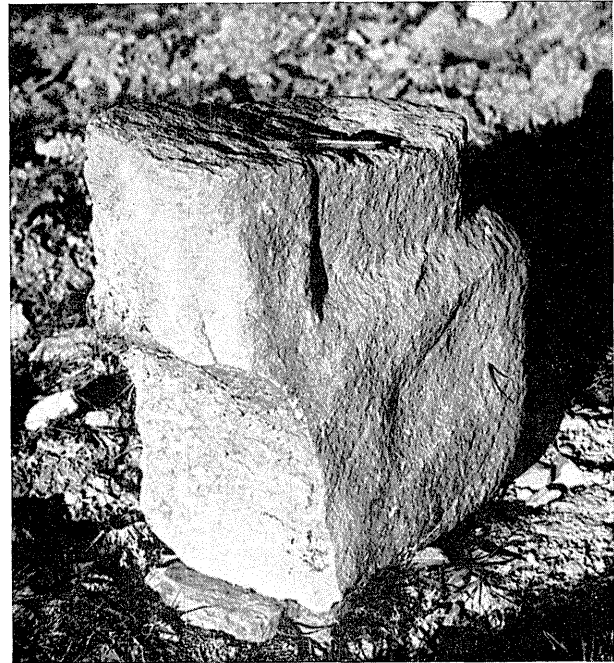


Fig. 2 — Outro aspecto da pedra da fig. anterior.

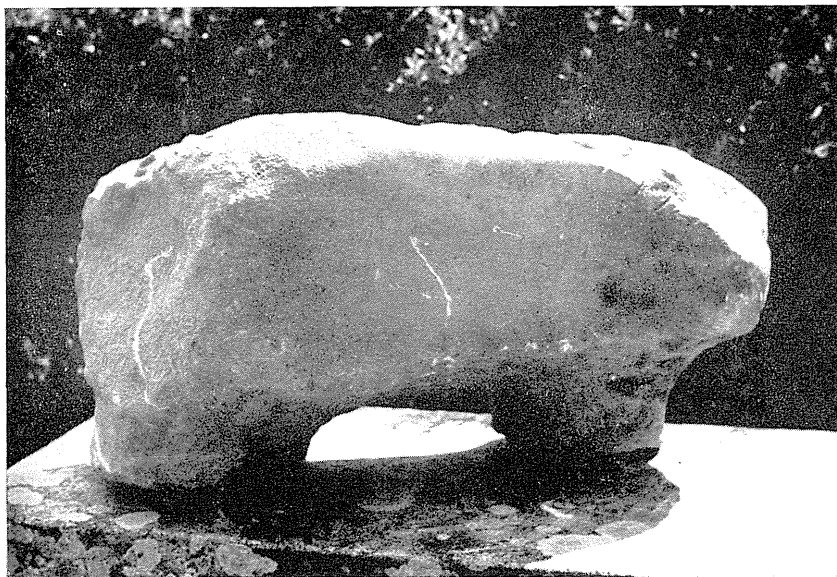


Fig. 3 — Berrão de granito com 63 cm de comprimento. O lado direito liso e levemente ondulado no sentido do comprimento.

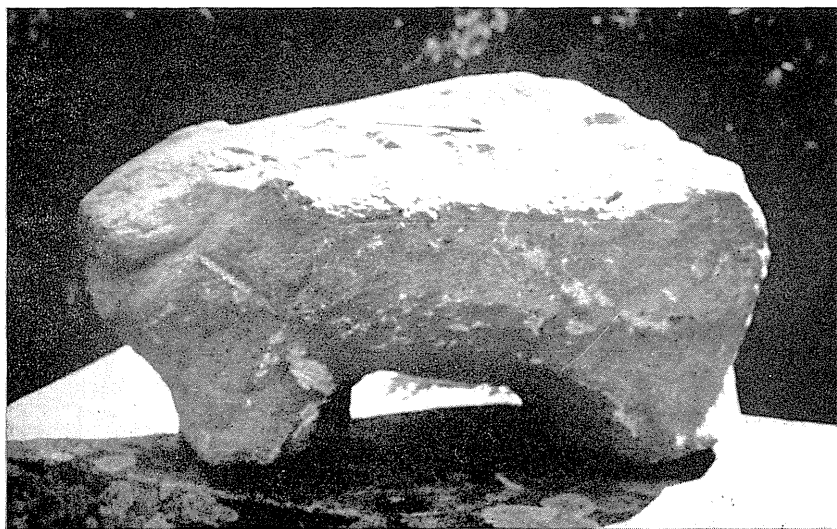


Fig. 4 — Lado esquerdo do berrão da fig. anterior.



Fig. 5 — Parte anterior do berrão com o focinho quebrado e lascado conchoidal do lado direito da cabeça. A caneta pousada no dorso mede 14,5 cm.

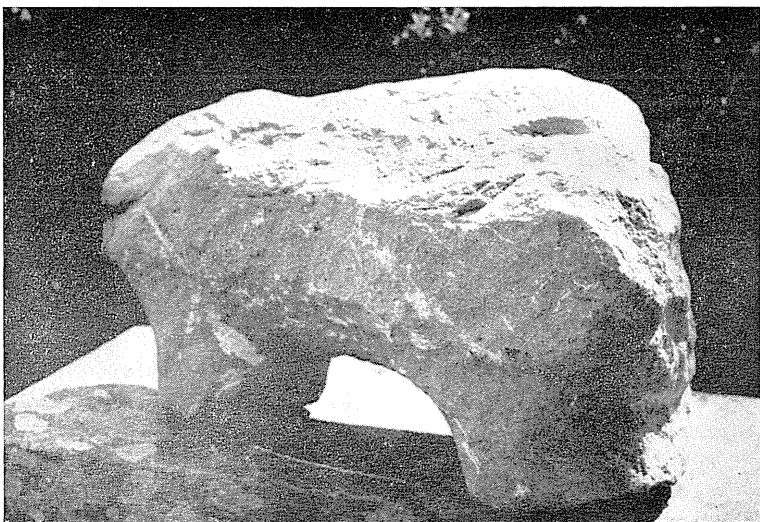


Fig. 6 — Aspecto póstero-lateral mostrando a vasta mutilação do dorso e traseira.

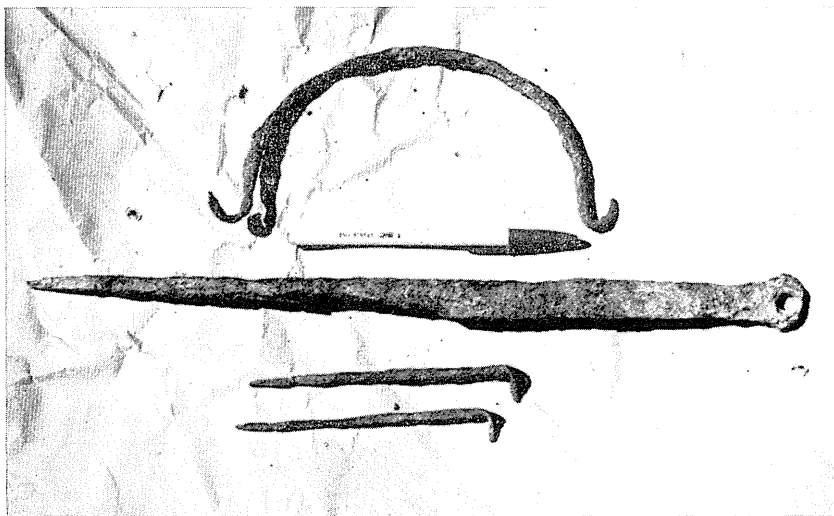


Fig. 7 — Peças de ferro encontradas na casa em meia lua, geminada com a casa rectangular onde estava o berrão. Esta fotografia foi tirada no chão, ao sol, cuja sombra determina a falsa aparência de dois ganchos numa das pontas da asa de caldeirinha. A caneta mede 14,5 cm.

Os ferros, que me foram gentilmente oferecidos, estão tão profundamente oxidados que a ferrugem salta às crostas um tanto espessas (Fig. 7).

Um dos ferros tem 40,4 cm de comprimento e de secção rectangular. As extremidades contrastam: uma é aguçada em ponta, e a outra espalmada em redondo, com orifício mediano de 7 mm de diâmetro. Um pouco antes do meio estreita e vai adelgaçando progressivamente para terminar em ponta. É peça cujo significado ou utilidade não sei atribuir-lhe. Dá a impressão de perna de um grande compasso.

Outro ferro é uma asa, torcida, de caldeirinha com 16 cm de distância entre os dois ganchos terminais.

Os dois outros ferros, que à primeira vista parecem pregos, o maior tem de comprimento 13,9 cm e o outro 13,4 cm, têm as pontas bem aguçadas.

Estes dois ferros que, repito, à primeira vista parecem dois pregos, têm a cabeça espalmada e dobrada em ângulo recto. O espalmado subtriangular, tem a forma do contorno de uma cabaça, e termina em ponta. As pontas bem aguçadas destes dois ferros sugerem que seriam, talvez, para espetar em cabos de pau, e tais ferros serviriam de raspadores.

Tanto à Sr.^a D. Maria Suzel, como a seu marido Sr. Artur Manuel Monteiro, agradecimentos pelas informações gentilmente prestadas, e bem assim pela dádiva dos ferros que terminaram por me oferecer.

CONCLUSÕES

Trata-se de um pequeno berrão de granito, o 54.º dos berrões aparecidos no norte de Portugal, o 23.º de Freixo de Espada-à-Cinta e o 22.º do Castro do Monte de Santa Luzia.

Foi encontrado deitado, dentro de uma casa rectangular com porta rasgada na parede maior, junto do canto ou cunhal com a parede menor, casa geminada com outra redonda ou em meia lua.

Algumas fotografias e desenhos teriam constituído documentação de suma importância.

De qualquer modo, os elementos fornecidos pelo Sr. Artur Manuel Monteiro conferem certo interesse àquele achado, por o berrão ter sido encontrado dentro de uma velha casa a 1,50 m a 1,80 de profundidade. Foi pena que aquele achado, sem dúvida notável, por ser a segunda vez que um berrão é encontrado, digamos, em «su sitio», não tenha podido ser acompanhado por um arqueólogo, que não deixaria de crivar a terra pelo menos do interior das casas, e colher e guardar a cerâmica e o mais que aparecesse.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Fevereiro de 1978

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Antigo Director do Instituto de
Antropologia «Dr. Mendes Correia»
e Presidente da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

O «Porco de Pedra» de Paredes da Beira

(Berrão Proto-Histórico)

Paredes da Beira é freguesia do concelho de S. João da Pesqueira, distrito de Viseu. É terra bastante antiga ⁽¹⁾ com vestígios e referências a factos que bem atestam o seu passado remoto. Para além de monumentos megalíticos (4 dólmen) e

(¹) Esta terra deve o seu nome, segundo se crê, ao facto de em tempos remotos, existir neste local, grande número de ruínas, paredes velhas.

É controversa a data da sua conquista aos mouros. O P. António Carvalho da Costa na *Corografia Portuguesa*, 1708, Lisboa, T. II, pág. 296, refere que Paredes foi conquistada em 1037 (data já referida por Fr. Ber-